



ORIENTE MÉDIO

Diplomacia age para evitar guerra ampla

Promessa de retaliação do Irã pela morte de dois líderes islamitas deixa governos em alerta. Vários países, como o Brasil, pediram aos cidadãos para deixarem o Líbano, sede do Hezbollah. Israel ataca escolas em Gaza, elevando tensão

A ameaça iraniana de atacar Israel em resposta à morte de dois líderes islamitas movimentou, ontem, a diplomacia mundial. O temor é que a guerra no Oriente Médio, concentrada na região de Gaza, seja ampliada com as retaliações prometidas pelos aliados de Teerã, especialmente a milícia Hezbollah. Vários países, incluindo o Brasil, pediram aos cidadãos que deixassem o Líbano, sede do grupo paramilitar.

Ontem, a França aconselhou os compatriotas para deixar o território libanês o mais rápido possível, assim como os Estados Unidos e o Reino Unido haviam feito anteriormente. A Arábia Saudita, a Suécia e a Jordânia tomaram medidas semelhantes. O Canadá pediu também para se evitar viagens a Israel.

No dia 1º, uma nota do Itamaraty informou que “a Embaixada do Brasil no Líbano está monitorando a escalada de tensão na região”. “Se você não estiver no Líbano, não viaje para o país. A embaixada recomenda aos brasileiros residentes ou em trânsito pelo Líbano que considerem a precaução de deixar o país, por meios próprios, até que retorne à normalidade.”

AFP



Palestino carrega o corpo de uma menina morta em ataque israelense a colégios no enclave, onde, segundo o Hamas, estão centenas de desabrigados

Punição

O Irã, o grupo libanês Hezbollah e o movimento islamista palestino Hamas acusaram Israel de assassinar o chefe político desse último, Ismail Haniyeh, em Teerã, na quarta-feira. Embora Tel Aviv não tenha assumido a operação, o ataque ocorreu poucas horas depois de um bombardeio israelense matar o chefe militar do Hezbollah, Fuad Shukur, em um subúrbio de Beirute.

O líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, ameaçou Israel com “punição severa” e o líder do Hezbollah, Hasan Nasrallah, falou de uma “resposta inevitável”. Ontem, o presidente francês, Emmanuel Macron, e o rei

Abdullah II da Jordânia conversaram por telefone e destacaram a necessidade de “evitar a todo custo uma escalada militar regional”. Em um comunicado, a Presidência francesa diz que os líderes “conclamaram todas as partes a abandonar a lógica da retaliação”.

Após uma videoconferência com diplomatas do grupo do G7, o ministro italiano das Relações Exteriores, Antonio Tajani, disse que há, entre os países-membros, uma “grande preocupação com os recentes acontecimentos que ameaçam provocar uma regionalização

da crise, começando pelo Líbano”. “Convidamos as partes interessadas a desistir de qualquer iniciativa que possa dificultar o caminho do diálogo e da moderação e favorecer uma nova escalada”, acrescentou o ministro.

Pentágono

Os Estados Unidos, o principal aliado de Israel, estão se preparando para “todas as possibilidades”, disse o vice-conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, Jon Finer. “O Pentágono está

mobilizando recursos significativos para a região a fim de se preparar para o que poderia ser novamente a necessidade de defender Israel de um ataque, ao mesmo tempo em que trabalha arduamente de forma diplomática para diminuir a escalada dessa situação, porque não acreditamos que uma guerra regional seja do interesse de ninguém neste momento.” O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, considera uma visita ao Oriente Médio, segundo a emissora pública israelense Kan.

O grupo iraniano Hezbollah e

Israel têm protagonizado duelos de artilharia quase diários desde 8 de outubro, um dia após o início da guerra em Gaza, contra o Hamas. Na noite de sábado, a organização paramilitar afirmou ter disparado dezenas de foguetes pela primeira vez contra a cidade de Beit Hillel. O Exército israelense disse que conseguiu interceptar a maioria deles. Também teria lançado fogo contra alvos no Líbano. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse que seu país “está em um alto nível de preparação para qualquer cenário, tanto defensivo quanto ofensivo”.

Bombardeio

Em Gaza, a Defesa Civil anunciou que um bombardeio israelense, ontem, matou pelo menos 30 pessoas, principalmente crianças e mulheres. As vítimas estavam em duas escolas que abrigam milhares de pessoas deslocadas pela guerra.

As forças de Israel confirmaram a ofensiva, mas disseram que o local é um centro de comando e controle do Hamas. “Do local, eles planejaram e executaram diversos atentados terroristas contra soldados israelenses. Além disso, no complexo foram fabricadas e armazenadas armas do Hamas”, informou um comunicado militar. Israel acusa de maneira reiterada o Hamas de utilizar instalações civis como centros de controle ou para esconder seus comandantes e milicianos. O movimento islamista palestino nega.

Terrorismo

Ontem, o Magen David Adom — equivalente israelense da Cruz Vermelha — divulgou que duas pessoas morreram e uma ficou ferida em um ataque a fachadas em Holon, no subúrbio de Tel Aviv. “Foi um atentado terrorista complexo e difícil, no qual as vítimas estavam em três locais diferentes, a quase 500m umas das outras”, disse o organismo, em um comunicado. Segundo a imprensa israelense, as vítimas eram um casal: uma mulher de 66 anos e um homem de 80. Além disso, uma pessoa de 68 anos está em estado grave, e um jovem de 26 encontra-se estável.

O suspeito do suposto ataque terrorista, morador da Cisjordânia ocupada, foi rapidamente “neutralizado” no local, informou a polícia em um comunicado. O centro médico Shamir, em Holon, anunciou que o criminoso chegou em estado crítico e foi declarado morto.

VENEZUELA

Oposição agradece apoio

Um dia após expressivos protestos em cidades venezuelanas contra a reeleição de Nicolás Maduro, a líder antichavista María Corina Machado agradeceu, ontem, à Alemanha, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Polónia e Portugal, que cobraram a publicação das atas de votação. A opositora ressaltou o “compromisso com a democracia” dos países europeus, No Vaticano, o papa Francisco pediu que prevaleça a “verdade” e que se evite a violência — mais de 2 mil pessoas foram presas em protestos.

No sábado, em um comunicado publicado pelo governo italiano, os sete países europeus citados por María Corina manifestaram “forte preocupação” com a situação na Venezuela, onde a oposição denuncia fraude nas urnas e reivindica a vitória do candidato Edmundo González Urrutia. “Em nome dos venezuelanos, agradeço esta importante declaração”, publicou a oponente de Maduro na rede social X.

O presidente venezuelano foi ratificado na sexta-feira pela autoridade eleitoral, com linha oficial, como reeleito com 52% dos votos nas

AFP



A líder antichavista María Corina Machado reivindica transição

eleições realizadas em 28 de julho, contra 43% de Urrutia.

Em contrapartida, a oposição publicou ata em um site que daria a González 67% dos votos. O governo chavista contesta a validade dos documentos. O Conselho Nacional Eleitoral (CNE), no entanto, não publicou resultados detalhados, alegando que o seu sistema foi hackeado.

Os protestos na Venezuela, que começaram na

segunda-feira, após o anúncio do resultado oficial, deixaram ao menos 20 mortos. “Faço um apelo sincero a todas as partes para que busquem a verdade, atuem com moderação, evitem qualquer tipo de violência, resolvam as controvérsias por meio do diálogo e tenham no coração o verdadeiro bem da população e não os interesses partidários”, disse o papa Francisco.

REINO UNIDO

Primeira crise de Starmer

Há um mês no cargo, o primeiro-ministro do Reino Unido, o trabalhista Keir Starmer, enfrenta a primeira grande crise de seu governo. Nos últimos cinco dias, violentos protestos estimulados pela extrema direita se espalham por várias cidades da Inglaterra, nos piores distúrbios dos últimos 13 anos. Os confrontos começaram depois de mensagens nas redes sociais, divulgadas por influenciadores ligados à ultradireita, sobre a nacionalidade e religião do suposto agressor que matou três meninas na segunda-feira passada em Southport.

“Eu garanto que vocês se arrependerão de ter participado dessa desordem”, declarou, ontem, o premiê, em uma breve coletiva de imprensa em Londres. Starmer acrescentou que seu governo fará “tudo o que for necessário para levar esses criminosos à Justiça”. Utilizando máscaras, manifestantes anti-imigração quebraram várias janelas de um hotel utilizado para acolher solicitantes de asilo em Rotherham, no norte da Inglaterra. Imagens divulgadas pela BBC mostravam pessoas entrando à força no prédio e empurrando um contêiner

AFP



Em Weymouth, manifestantes lançam garrafa contra a polícia

incendiado para dentro. Não se sabe se havia imigrantes lá no momento do ataque.

Na cidade de Middlesbrough, no nordeste da Inglaterra, centenas de pessoas enfrentaram policiais. Alguns lançaram tijolos, latas e painéis contra os agentes. No sábado, perto de 100 manifestantes foram presos em Liverpool, Manchester, Bristol, Blackpool e Hull, bem como em Belfast (Irlanda do Norte).

Como em Middlesbrough, eles atiraram tijolos garrafas e sinalizadores contra as forças de segurança. Também saquearam e queimaram lojas, gritando insultos anti-islâmicos.

A Inglaterra não testemunhava uma explosão de violência semelhante desde 2011, após a morte do jovem mestiço Mark Duggan, assassinado pela polícia no norte de Londres, informam os meios de comunicação britânicos.